

Novo Espectro

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

Como se vão as cousas convertendo
Em outras cousas várias, inesperadas!

CAMÕES. *Egloga I.*

Que cousa mais vária e inesperada—ó bom Camões!—do que a attitude de certos deputados portuguezes, nos primeiros dias de maio corrente?...

Quando o nosso paiz está vivendo em sobresaltos, sem nada saber ácerca das desgraças e ladroeias coloniaes, e do desastre financeiro de Paris; sem nada saber ácerca do modo de remediar tantos males, sem vergonha, sem dôr e sem miseria para nós, — varios dos nossos deputados, que deviam n'este momento angustioso ser os servidores sinceros e desinteressados do Povo e da Patria, fazem questão e berreiro nos corredores de S. Bento, porque lhes não pagaram os vencimentos de maio — *adiantadamente!*...

Ah! maganões! que bem se vê que não passaes de parasitas do orçamento; e que os vossos loga-

res, ganhos á força de corrupção, intrigas, pressões e vinganças politicas, não passam d'uma *posta* com que equilibraes o orçamento caseiro!...

Com que então, era só chegar a S. Bento; abrirem-se as portas da grande patuscada parlamentar; fumar a bella charutanga nos corredores; «fazer d'olho» para as tribunas; — e dê para cá o paiz *cem mil reis* adiantados, por trinta dias de mutismo, de *apoiado! apoiado!* ou de verborrhêa!... Enquanto que um pobre operario do Arsenal ou da *Régie* é obrigado a fiar ao Estado uma semana de trabalho; um serviçal a fiar um mez de soldada; e um negociante ou industrial a fiar a sua mercadoria, isto é, trabalho, capital, intelligencia accumulada, durante um, dois, tres e até seis mezes!...

Socegae, amigos! socegae, famintos!... Um mez depressa se passa, sobretudo á boa-vida, sobretudo em S. Bento, em chalaça e cavaqueira amena, que é o que vossas senhorias fazem durante as sessões.

A *verborrhêa* já não é um privilegio; já passou de moda. É foguetorio molhado pela Razão, e que já não estala no ar. A quem fôr capaz de ouvir a sério, durante meia hora, Manuel d'Assumpção ou João Arroyo, pago-lhe uma ceia aqui em Paris, n'um gabinete do *Café Americain*, com Champagne e madamas — tudo do fino!

É gosar dos ultimos arrancos do *parlamentarismo*, dos ultimos arrancos das candidaturas officiaes, das bellas *maiorias* fabricadas no Terreiro do Paço!... Porque o vento do *socialismo* sópra rijo por essa Europa fóra, e o *socialismo* ha de arrancal-os a vossas senhorias d'essas carteiras que ora occupam — em nome das mais secretas immoralidades politicas! Tão secretas, que nem os mais habeis

especialistas seriam capazes de lhes determinar a proveniencia...

Para mais esclarecimentos, informem-se com o sr. Fuschini—o *socialista* lá de casa....

*
*

Ouso lembrar a este governo, que tanta vez se tem dado ao prazer venereo de violar a Constituição, a vantagem de a violar mais uma vez—agora com um fim util e decente, que é o seguinte:

Suspender os vencimentos a todos os srs. deputados da nação portugueza. E com a somma d'esses vencimentos, ou sejam aproximadamente *cincoenta contos de reis* por cada legislatura, instituir dois grandes premios:

1.º Para o deputado da *maioria* que prove ter sido eleito pela vontade e consciencia dos eleitores;

2.º Para o deputado do governo que tendo fallado durante tres sessões consecutivas, deu provas de que tinha procurado dar á luz, pelos menos—uma ideia!....

Por este modo tão simples quanto provocador das mais bellas acções, ganha o Estado cincoenta contos por anno, sem fallar na diminuição de despesas de composição, impressão e papel com o *Diario das Camaras*,—e sem fallar no quanto ganham a paciencia nacional, o socego das familias e o futuro da patria.

*
*
*

Attendendo a que em tres mezes de legislatura os nossos deputados vencem 50 contos de reis; attendendo a que em cada sessão só fallam em média *tres* representantes do povo; chegamos ao seguinte medonho resultado:

— *Cada discurso dos nossos deputados sae ao paiz, termo médio, por 200\$000 reis!*—

Oh! as vantagens do *parlamentarismo!*... Como nós seriamos felizes com mais alguns S. Bentos! Um no cabo Mondego; outro no cabo da Roca; outro no cabo Carvoeiro...

Dizem os navegantes que faltam pharoes e se-reias nas costas de Portugal para evitar desastres. Pois espalhem S. Bentos pela costa — e verão todos os navios passar cuidadosamente ao largo... com medo de encalhar!

Com medo de encalhar em lamaças de rhetorica...

O illustre israelita lusitano e par ão reino, o sr. Barros e Sá, mais conhecido no estrangeiro, desde que foi ministro, pelo nome de Monsieur Basorra, — n'um accesso de furia tribunicia e liberal (???) avançando com o seu solidéo de sêda preta, o seu nariz de filho de Israel, e o seu fura-bôlos adunco, para o banco dos ministros, exclamou na sessão da camara dos pares de 1 de maio de 90:

— «O decreto dictatorial com relação ás eleições dos pares é um crime, é uma violencia, é uma traição!»

E o illustre *christão-novo* e par do reino passa sem novidade em sua importante pessoa.

Mas exclamam por sua vez a *Republica*, os *Debates* e a *Folha do Povo*:

— «O decreto dictatorial com respeito á liberdade de imprensa, de reunião e de associação é um crime, uma violencia, uma traição!»

E esses tres jornaes são immediatamente mettidos em processo!

De duas tres:

— Ou para se ser jornalista da opposição é preciso ser-se primeiro par do reino;

— Ou a Justiça é um funil, com a bocca voltada para os poderes constituidos e o bico voltado para o paiz;

— Ou o sr. Barros e Sá, attendendo á sua qualidade de *christão-novo*, é considerado como *irresponsavel* pela camara e pelos dictadores.

*
* *

Que grande patuscada que tudo isto é! Nem os senhores calculam como de longe o quadro é comico e impagavel...

Parece que estamos n'um theatro de creanças, assistindo a uma representação de *marionettes* de papelão e pau, com caras tetricas, solemnes, comicas ou carrancudas, e que desempenham uma complicada tragedia—a tragedia da nossa decadencia!

Triste e comica tragedia de *marionettes* politicas, onde morrem assassinados o nosso credito financeiro, o nosso imperio colonial — e mais as nossas liberdades...

E viva a pandega, meus amigos!

*
* *

Ainda sobre liberdade d'imprensa e decretos dictatoriaes do dia 9 d'abril, o sr. conselheiro Pinheiro Chagas, que tem a peito aconselhar-nos este gabinete com mais afan do que o sr. conde de Restello aconselha o seu xarope, — diz o seguinte aos jornalistas da opposição:

— «Critiquem á vontade, mas sem as injurias que aviltam.» — (*Correio da Manhã*, 2 de maio de 90.)

Peço licença para lembrar ao illustre frei Thomaz... das Chagas que a sua recommendação e a sua moral não teem o menor valor politico e não podem ser tomadas a sério pelos infieis, por muitas razões, das quaes servirão d'amostra as seguintes:

1.^a razão. — No fallecido *Diario da Manhã*, de que era redactor principal o sr. Pinheiro Chagas, procurou-se desacreditar o então ministro sr. Barros Gomes, inventando-se a calumniosa historia d'uma testamentaria no Brazil. O fabricante d'esta calunnia creio que foi agora recompensado com uma cadeira em S. Bento...

2.^a razão. — No actual *Correio da Manhã*, onde o sr. Pinheiro Chagas dirige agora a moral politica e a critica sem injuria, ainda ha dois annos se fazia a calumniosa campanha da *outra metade* contra o sr.

Mariano de Carvalho; e a não menos calumniosa campanha do *chalet* e dos *estuques* contra o sr. Emygdio Navarro.

Por que razão n'esses tempos o sr. Pinheiro Chagas se não oppunha, na sua qualidade de director do *Diario* e do *Correio*, contra *as injurias que aviltam* a imprensa, e que eram todos os dias impressas n'esses jornaes? . . .

Por que razão em 88-89 o sr. Pinheiro Chagas tolerava no seu *Correio* a campanha da injuria contra os srs. Mariano e Navarro; e em 90 esfrega as mãos de contentamento quando sabe que vão ser processados jornaes d'opposição, porque tiveram a ingenuidade de frequentar o curso d'injuria que o *Correio da Manhã* tinha aberto em Lisboa? . . .

Porque então o sr. Pinheiro Chagas era *oposição*; e porque hoje o sr. Pinheiro Chagas é *governo*!

*
*
*

É por estas e por outras, mestre, que a machina politica está a estalar e a desconjunctar-se por todos os lados; e que o futuro é talvez mais sombrio do que se pensa.

É o caso de repetir agora a trova XII que s. ex.^a publicava no *Correio da Manhã*, de 3 de fevereiro de 89:

«O governo trata o povo,
De quem se dizia amigo,
Como nas eiras, em junho,
As bēstas tratam o trigo!»

Mas tome cautela o governo com o modo como trata o povo, o espesinha, lhe tira as suas liberdades e o carrega d'impostos,—porque eu conheço uns versos terriveis de Camões, que por signal nunca vi citados, e que dizem assim:

«Emquanto do seguro azambujeiro
 Nos pastores do Luso houver cajados,
 Com o valor antiguo, que primeiro
 Os fez no mundo tão assinalados,
 Não têmas tu, Frondelio companheiro,
 Qu'em algum tempo sejam subjugados
 Nem que a cerviz indomita obedeça
 A outro jugo qualquer que se lhe offreça.»

Ora que me conste, os pastores do Luso ainda não deixaram de ter dos taes cajados de *seguro azambujeiro*, com que costumam varrer as feiras—isto para o dia do ajuste de contas...

N'esse dia, ai Jesus! Maria Santissima! muito havemos nós de rir,—e muito hão de os senhores chorar!...

E que me dizem á famosa indignação dos jornaes governamentaes e conservadores, porque no dia 1.º de maio os operarios portuguezes tiveram a ousadia de pedir 8 horas de trabalho?!...

Ao lêr aquelles periodicos, fica uma pessoa scismando se os redactores trabalham pelo menos 12 horas por dia... E como todos são pensionistas e

reclusos das penitenciarias que bordam o Terreiro do Paço, talvez entrem para o trabalho ás 6 horas da manhã, para só sahirem ás 6 horas da tarde... Quem sabe?...

Pedi informações do caso para Lisboa, e eis o que me responderam pelo telegrapho:

— «Burocrata indigena entra repartição tres horas tarde. Gasta um quarto hora para enfiar manga alpaca. Meia hora para fumar cigarrada, lêr periodicos. Mais quarto hora para despir manga alpaca, e sae. Ganha por este serviço 20 a 200\$000 reis mez. Ha quem affirme haver burocratas que ainda fazem menos e ganham mais. São jornalistas governo.»

De modo que o sr. Jornalista-manga-d'alpaca, pago á custa do Estado para defender todos os maus governos com que o Poder Moderador nos dota, — acha insolito que o operario portuguez acompanhe os seus irmãos do mundo inteiro na reclamação de uma lei que reduza por toda a parte a *oito horas* cada dia de trabalho...

Sabem do que eu gostava?... Era de poder pegar no sr. Alberto Pimentel e em outros *albertos* mais ou menos *pimenteis* da nossa imprensa conservadora; de os arrancar por uns dias ás delicias do Terreiro do Paço e de S. Bento; e de os fazer trabalhar um dia inteiro, de cocoras ou de joelhos, dentro d'uma mina, a 300 metros abaixo do chão, cavando hulha, sem luz e quasi sem ar, e com o corpo encharcadinho em agua, em lama, e em suor!...

Os jornalista-burocratas e os governantes andam por ahí a brincar e a sorrir do *socialismo*, como os aristocratas em Versalhes, em 1789, no *petit Trianon*, brincavam e sorriam da Revolução franceza.

Pois não se fiem na onda. Não creio que o socialismo moderno, justamente pelo espirito de Humanidade e de Justiça que o anima, pratique a semsaboria e a estupidez de armar guilhotinas, para ceifar meia duzia de cabeças fanfarronas, aliás inoffensivas...

O que o socialismo pretende fazer é muito mais sério e mais doloroso... Um exemplo ao acaso:

Reduzirá os *burocratas* á expressão de simples *trabalhadores*, sendo pagos por horas de trabalho, e não ao mez, como actualmente succede. Organizará caixas de soccorros para os invalidos do Estado, deduzindo todas as semanas tantos por cento da fêria do *burocrata*. E acabará d'este modo com esse privilegio indecoroso e immoralissimo da classe burocratica, e que se chama a *reforma* — «a reforma com o ordenado por inteiro.»

«Todo o homem valido — dizem os modernos economistas — estando condemnado ao trábhalho, porque é que certos individuos, unicamente porque «serviram o governo como funcionarios, beneficiam d'uma reforma que os liberta da lei geral, «quando poderiam ainda trabalhar durante vinte «ou trinta annos?... São outras tantas forças perdidas para a sociedade. Se estes homens escapam «á lei geral do trabalho, se nada mais produzem,

«vivem á custa da sociedade e tornam-se um encargo, em vez de contribuirem na medida das suas forças para o desenvolvimento da riqueza publica. Ora este parasitismo é uma coisa revoltante!»

*
*
*

No dia — bem proximo — das grandes reformas sociaes, haveis de gritar em côro, ó altos funcionarios do Estado: — «Aqui d'el-rei contra o socialismo!...» — Mas o sr. D. Carlos nada poderá fazer a bem das vossas sinecuras, ó altos figurões do Terreiro do Paço!

Porque não sois mais dignos de privilegios e favores do Estado do que um operario e um lavrador que trabalham, como vós nunca haveis de trabalhar, para o engrandecimento da nação.

Porque não sois mais dignos de privilegios e favores do que o agricultor, o industrial, o negociante, o homem de sciencia, o artista, o homem de letras, dos quaes o Estado não faz o menor caso, e que passam a vida arriscando e gastando fortuna, saude, trabalho e intelligencia, em proveito da patria...

Ganhae a vossa vida, ó altos funcionarios! — como nós a ganhamos trabalhando dia e noite. Organisae quanto antes caixas de soccorros e de previdencia. Tratae de juntar para a velhice, como nós, trabalhadores, temos necessidade de o fazer...

Porque d'aqui a pouco, mais breve do que vossas senhorias pensam, a revolução economica surgirá entre nós — ou Portugal terá de fallir.

Ora um paiz fallir por causa do bem-estar dos parasitas do orçamento é coisa que se não pôde vêr em nossos dias democraticos. E então, adeus reformas! adeus commissões! adeus sinecuras!

Vós viveis á sombra d'uma tradição do velho auctoritarismo monarchico. Ora o desastre do emprestimo de Paris, collocando a monarchia portugueza sem dinheiro, vae ser o ponto de partida da annunciada revolução...

Amigos funcionarios! Os vossos dias estão contados!...

Que de lagrimas e gemidos por esse Terreiro do Paço!...

Ácerca da questão ingleza, das negociações entre o gabinete do Calhariz e de Saint-James, entre o sr. Barjona de Freitas e lord Salisbury, escreve o *Diario Popular* do sr. Mariano de Carvalho:

— «Encontrando (a Inglaterra) em face de si diplomacias como a do sr. Hintze Ribeiro, convencendo-se de que não ha pontapés bastantes para Portugal, deixa o sr. Barjona a passear ocios pelas ruas de Londres, *á nossa custa*, não faz d'elle o minimo caso, e apodera-se de tudo quanto lhe convém... Portanto, graças á habilidade d'este governo e ao patriotismo d'este povo, a Inglaterra, depois de se ter apoderado de Mashona, de parte do Chire e do Nyassa, deita a mão á navegação do Zambeze e do Chire inferior.»

Sobre o mesmo prazenteiro assumpto escreve o *Dia* do sr. Antonio Ennes, jornalista que co-

nhece a fundo a questão ingleza: — «**Está tudo perdido.**»

Ora se está tudo perdido; se não ha pontapés bastantes para o nosso paiz, por parte da Inglaterra; se o sr. Hintze nada conseguiu em Londres; se em Paris o mesmo sr. Hintze nos occasionou o maior desastre financeiro de que ha memoria; e se em Portugal o governo se tem limitado a violar a Constituição; — porque é que o Poder Moderador não demitte immediatamente semelhantes ministros? . . .

Estará por acaso á espera de que os pastores do Luso, de que falla Camões, se decidam a manobrar os seus cajados de *seguro azambujeiro*?

Pois não esperará muito tempo. É uma questão d'augmento d'impostos . . .

*
* *

Ainda ácerca do desastre financeiro de Paris, responde n'estes termos o sr. Pinheiro Chagas aos jornaes da opposição que sustentam que os banqueiros que tomaram *firme* o empréstimo se recusam a pagar os 9:000 contos:

— «A pretexto de dizerem a *verdade* dizem falsidades, admittindo como possivel que houvesse banqueiros que, depois de terem tomado firme um empréstimo, se recusassem a satisfazer os seus compromissos.» — (*Correio da Manhã*, 1 de maio de 90.)

Pois nem as *verdades* dos jornaes da opposição são *falsidades*, nem o que diz o sr. Pinheiro Chagas é exacto. A questão reduz-se a muito pouco.

O governo portuguez ainda não recebeu, *nem receberá tão cedo*, os 9:000 contos. Só recebeu as sommas subscriptas, que são relativamente insignificantes.

E porque é que os contractadores *firmes*, isto é, os srs. Ephrussi & C.^a, se recusam a pagar os 9:000 contos? Porque o governo francez ainda não admitiu á cotação official da bolsa de Paris os actuaes titulos de divida. É o que se chama um *caso de força maior*!...

E porque é que o governo francez vae adiando *indefinidamente* a cotação official? Porque deseja que o governo portuguez resolva a questão do emprestimo de D. Miguel.

E porque é que assim procede o governo da Republica?...

E porque é que os nossos governos, quando nós tanto necessitamos da praça de Paris, evitam relações intimas com a Republica franceza?...

E porque é que Portugal, se precisava da amizade e do apoio financeiro do governo da Republica, não veio *officialmente* á Exposição de Paris?...

E porque é que as moscas se não apanham com vinagre?!...

* *

De tudo isto, de todos estes desastres, quem tem as culpas é a nossa acanhada e idiota politica monarchica!

O anno passado, a Monarchia portugueza considerou *chic* fazer *grève* com as outras monarchias da Europa, não vindo *officialmente* a Paris, á Exposição

do centenario da Revolução franceza! Esta *grève* d'uma monarchia constitucional, *filha* da Revolução, contra a propria Revolução e contra a Republica, — tem agora para a nação portugueza as consequencias politicas e economicas que estamos vendo.

Nem a Allemanha imperial veio em nosso socorro na questão colonial com a Inglaterra monarchica; nem a Allemanha imperial póde vir em nosso socorro na crise financeira que atravessamos!

O espirito republicano em França ficou dolorosamente offendido comnosco, porque a Monarchia declinou o convite que lhe fez a Republica, e não veio *officialmente* á grande Exposição; e ficou profundamente irritado contra o actual governo, ao vél-o tomar medidas dictatoriaes contra a nossa imprensa liberal e republicana, parodiando assim os odiosos processos dictatoriaes de Carlos x e de Napoleão III.

Ou a Monarchia portugueza precisa das boas relações da Republica franceza, ou não precisa. Se não precisa, trate apenas de contar com a *amizade* da Inglaterra, e com o auxilio politico e financeiro da Allemanha.

Mas se esta amizade e auxilio lhe faltam — como estamos vendo desde o dia do *ultimatum* — trate a Monarchia de pedir decorosamente perdão á Republica, de todas as *partidas* que lhe fez a proposito da Exposição de 89, e de mandar de presente ao diabo as alianças com a Inglaterra e a Allemanha, — alianças que só servem para nos roubarem, ou nos comprometterem, ou nos ridiculisarem!

Áquelles dos nossos politicos que ainda sonham uma *alliança colonial* com a Allemanha para fa-

zer barreira á influencia e expansão inglezas em Africa, offereço as seguintes palavras, *proferidas ha doze dias*, no dia 12 de maio corrente, n'uma sessão do Reichstag, pelo sr. de Marschall, secretario d'Estado dos negocios estrangeiros do imperio allemão—quando se discutiram os creditos supplementares de 4 milhões de *marcos* para a expedição do capitão Wissman na Africa oriental:

—«O governo do imperio—affirmou o sr. de Marschall—está decidido a conservar-se d'accordo com a Inglaterra na sua *politica colonial*, e reconhece com satisfação que o governo britannico se acha animado dos mesmos bons desejos.»—(*Temps*, 14 mai 1890.)

* * *

Dizia-me ha dias *alguem* do nosso mundo official, que contava ver aplanadas todas as difficuldades na praça de Paris e junto da imprensa parisiense, quando as camaras votassem o *bill de indemnidade*.

Pois póde o governo estar certo que nada aplanana... O gabinete do sr. Serpa Pimentel é considerado em França, desde o dia 9 d'abril, como um *governo reaccionario*, capaz de collocar a Monarchia em sérias difficuldades. E o *bill de indemnidade*, votado por uma maioria que toda a imprensa franceza sabe que foi forjada no ministerio do reino, não terá para essa imprensa a menor significação nacional.

N'estas circumstancias escusa o gabinete de

pensar em melhorar a sua reputação em França. Custar-lhe-ia a *réclame* muitos contos de reis. E para quê?... Para nada!

Se o governo pôde viver de portas a dentro, tomando todas as manhãs uma colher de *dictadura*, ou d'outro qualquer tónico policial,—continue o governo com o tratamento, porque, para o seu caso, a medicina não conhece outro melhor.

Se o governo sente que a *dictadura* não basta para lhe acalmar as dôres, e que o Estado precisa absolutamente da praça de Paris para ter d'aquillo com que se compram os melões,—então entregue a sua demissão nas mãos d'El-Rei, se é que préza mais a Monarchia do que as vaidades do poder.

Porque em Paris nunca o actual governo encontrará apoio—senão á custa de *enormes sacrificios* para o thesouro.

Quaes são elles?... O pagamento do emprestimo de Dom Miguel, ou sejam 334:496,8959 reis encontrados em 1833 por D. Pedro IV nos cofres do Estado; mais 56 annos de juros simples a razão de 5 % ao anno, ou sejam em numero redondo **1:300 contos!**—que é o que pedem os portadores dos titulos.

E succede que o maior culpado n'estas exigencias dos portadores de titulos de Dom Miguel é o proprio sr. Hintze Ribeiro, cujas cartas, reconhecendo a legalidade do emprestimo, andam affixadas nos cartazes em que Portugal é desacreditado pelas esquinas de Paris!

Se por detraz d'esta odiosa operação está, como se affirma em Paris, um grande estabelecimento de credito, o governo só tem a fazer uma coisa pa-

triotica — a unica coisa realmente patriótica que talvez possa fazer em sua vida — é demittir-se!

Assim deixará a um outro gabinete a facilidade de annullar os decretos dictatoriaes, para dar uma satisfação ao espirito liberal da Europa; e de seguir uma nova politica financeira, mais vantajosa para o Estado e para o decoro nacional.

O sr. Serpa Pimentel e o sr. Hintze hão de por fim concordar que eu tambem dava um soffrivel *conselheiro* — mesmo sem nunca ter sido galopim eleitoral, nem palrador em S. Bento!

Veio parar-me ás mãos um numero do *Portuguez* em que se confessa a necessidade de — «limpar a «Carta Constitucional de archaismos ridiculos de «linguagem, como o do rei *consente*, a *graça de Deus*, «o nós queremos, e expungir ao mesmo tempo das «suas paginas a disposição tão inutil, como absur- «da, do *veto absoluto*.»

Ora inda bem! Já tenho o sr. dr. Marçal Pacheco — digno par do reino — plenamente d'accordo com as theorias expostas no 1.º e 2.º numeros do **Espectro**...

E com outras theorias ainda mais radicaes, tambem sei que elle concorda — o terrivel sceptico que olha para a politica e para os politicos portuguezes, com o mesmo sorriso piedoso e caritativo com que olhava para a humanidade... do primeiro andar da torre Eiffel!

Sempre me quiz parecer que o sr. Marçal Pa-

checo estava mais talhado para pamphletario — do que para par do reino, mesmo electivo... Sómente, a philosophia venceu-lhe o temperamento; e elle hoje responde, paraphraseando Bocage:

Já de illusões não vivo,
Meu bem, sou do *Senado*:
Nenhum Mortal se esquivava
Ao que lhe ordena o Fado!

O *Jornal da Noite*, folha governamental dirigida e redigida pelo meu excellente e particular amigo Luciano Cordeiro, deputado *regenerador*, allude em graciosos quanto delicadissimos termos á appareção do segundo numero do **Espectro**. Desculpe o leitor este assomo de vaidade, mas não resisto á tentação de transcrever o elogio. É em fórma de invocação á Policia correccional. Eil-o:

— «Respeito á desgraça, sr. Delegado! Estes pinas teem Lombroso por si: a imbecilidade provada exclue a responsabilidade da asneira...»

Como vêem, o meu excellente e particular amigo Luciano Cordeiro, n'estas poucas mas eloquentes palavras explica brilhantemente ao publico o fim com que este governo resolveu acabar com as injurias de certas folhas da opposição... para da injuria e mais da calumnia se servirem exclusivamente os jornaes do governo, exemplo: — o *Jornal da Noite*!

E é para darem d'estas raias, em publico, que o governo fez deputados certos jornalistas do partido...

Oh! a compostura, a delicadeza, a fina linguagem, o bom tom d'um jornal do governo!

Seu patusco! marque lá dois tentos!...

Mariano Pina.